



1. Viriato Soromenho-Marques, Paulo de Almeida Sande e Eduardo Paz Ferreira num dos momentos do debate ontem realizado no auditório do Diário de Notícias, em Lisboa, sobre a 'Reforma Institucional na UE'

2. Adriano Moreira e Viriato Soromenho-Marques deixaram vários alertas sobre a atual situação da União Europeia



# “A Europa é e tem de ser uma comunidade de afetos”

**Debate.** Entre críticas ao atual funcionamento da União Europeia e preocupações de defesa e segurança face aos Estados Unidos e à Rússia, durante mais de hora e meia debateu-se a 'Reforma Institucional na UE' no auditório do DN

MARINA MARQUES

É uma Europa governada pelo Tratado Orçamental e pelo Mecanismo de Estabilidade Europeia, sob ameaça do surgimento do Império do Meio e com um imenso fosso na redistribuição de riqueza que vai a votos no domingo.

O retrato foi traçado por Adriano Moreira, Viriato Soromenho-Marques e Eduardo Paz Ferreira no debate sobre "Reforma Institucional" ontem realizado no auditório do Diário de Notícias, em Lisboa. Paulo de Almeida Sande foi a voz mais conciliadora, colocando em evidência a grande mudança

destas eleições europeias: a escolha de um candidato em concreto à presidência da Comissão Europeia.

Para além de considerar que os órgãos oficiais de governação da Europa estão como a agricultura, em pousio, Adriano Moreira alertou também para os problemas de segurança existentes: "Em tempos de crise, a segurança está ameaçada porque a Rússia abandonou a construção da casa comum europeia e, neste momento, está a definir o que muitos analistas já chamam o Império do Meio. E como a economia europeia evoluiu para o credo do mercado, o que a Europa tem neste momento para responder a isto é a excomunhão do credo do mercado

— sanções económicas." Uma situação que considera tão mais grave quanto "nos Orçamentos da União Europeia não há quaisquer migalhas para organização da segurança e da defesa europeias". Por isso, defende, "voltámos ao princípio, com a insegurança diante dos nossos olhos".

Viriato Soromenho-Marques não recua tanto, mas coloca a situação europeia de regresso às teorias defendidas no início da década de 90, antes da assinatura do Tratado de Maastricht, quando muitos defen-

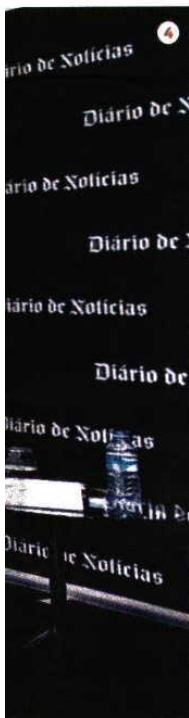
diam que antes de se avançar para uma união económica era preciso uma união política e fiscal. Num momento em que "o Tratado de Lisboa é subsidiário" e a Europa é governada pelo Tratado Orçamental e pelo Mecanismo Europeu de Estabilidade, Soromenho-Marques destacou o papel determinante do Banco Central Europeu e o "pacto diabólico" entre Angela Merkel e

Eleição permite escolha de novo presidente da Comissão Europeia

Durão Barroso: "Com o Tratado Orçamental, a Comissão Europeia tem poderes que nunca teve, mas ao serviço das ordens do diretório."

Durão Barroso foi também alvo de críticas por parte de Eduardo Paz Ferreira: "Qualquer dos candidatos será melhor do que o atual presidente", defendeu. Para além do grau de desigualdade de distribuição de riqueza, o jurista destacou um outro aspeto que considerou "nocivo" para a União Europeia: "A retirada dos políticos da política, deixando para os técnicos as decisões." E indicou o exemplo do Banco Central Europeu como expressão prática desta situação, lançando a questão: "Se tudo é decidido pelos técnicos, o que fica para a política?"

Já Paulo de Almeida Sande considerou que "não recuou em nada" e



3. Adriano Moreira, à esquerda, com Nuno Saraiva, subdiretor do Diário de Notícias, Viriato Soromenho-Marques e Eduardo Paz Ferreira, antes do início do debate  
4. O moderador, António Perez Metelo, e os oradores Adriano Moreira, Viriato Soromenho-Marques, Paulo de Almeida Sande e Eduardo Paz Ferreira (da esquerda para a direita)

DE GONÇALO VILLAVEIDE/GLOBALIMAGENS

## Painel

A menos de uma semana da realização das eleições europeias, o DN reuniu quatro personalidades para refletirem sobre a 'Reforma Institucional na UE', um debate moderado por António Perez Metelo

### Repensar as organizações

Europa e Nações Unidas precisam de repensar as suas organizações, sobretudo num momento em que os Estados Unidos se estão a afastar da Europa, defendeu Adriano Moreira durante o debate ontem realizado no auditório do DN. "O afastamento entre os Estados Unidos e a Europa devia ser alarmante", afirmou, colocando em evidência a direção da política internacional posta em prática por Barack Obama, estabelecendo acordos com a região do Pacífico

e do Oriente. O papel das Nações Unidas – "que parece um templo onde se fazem orações" – e a debilidade das organizações da União Europeia – "que, como a agricultura, estão em pouso" – foram duas situações que Adriano Moreira destacou. E, lembrando que "o movimento de unidade europeia foi determinante por questões de segurança", salientou o facto de nos Orçamentos da UE "não haver quaisquer migalhas para a organização da segurança europeia".

### Zona euro é a única ultraliberal

Inteligência e vontade política. Na opinião de Viriato Soromenho-Marques estes são os dois ingredientes necessários para ultrapassar a situação complexa em que a Europa se encontra. "É preciso uma frente de pares para dialogar com a Alemanha e não contra a Alemanha", defendeu o professor universitário, assinalando um conjunto de sinais preocupantes a nível interno "que tem como exemplo máximo a política temerária adotada face à si-

tuação na Ucrânia". Para além do papel determinante da Alemanha, Soromenho-Marques destacou ainda a importância do Banco Central Europeu. "Seis membros da Comissão Executiva e 18 banqueiros centrais têm tido a capacidade de evitar o desmoronamento da Europa", assinalou, evidenciando o outro lado da moeda: "A zona euro é a única ultraliberal do mundo (...) com o poder monetário a estar nas mãos de privados."

### O voto num candidato

"Nestas eleições, pela primeira vez, vota-se num rosto." Paulo de Almeida Sande evidenciou a grande alteração que estas eleições europeias representam relativamente às anteriores. "A escolha do presidente da UE desta forma é importante até para clarificar a natureza da própria União", defendeu o diretor do gabinete em Portugal do Parlamento Europeu. Até porque, notou, "se se examinarem cada uma das situações e das circunstâncias consideradas desa-

dequadas contra os tratados europeus e contra os interesses das pessoas, verifica-se que na raiz da maioria das situações está o intergovernamentalismo". Por isso, destacou a importância da participação nas eleições europeias. Para além da novidade de à partida se saber em que candidato à presidência se está a votar, Paulo de Almeida Sande destacou também que "são as primeiras eleições em que está efetivamente em causa o sim ou o não à União Europeia".

### "Era bom que o centrão acabasse"

"É possível termos um mundo com uma desigualdade de redistribuição de rendimentos como a que agora existe?" Foi com esta questão que Eduardo Paz Ferreira iniciou a sua intervenção no debate. Para além da questão da segurança deixada por Adriano Moreira, o jurista e professor catedrático recordou que a questão económica também foi determinante no movimento de integração europeia. Paz Ferreira apon- tou o dedo à posição de Bruxelas,

com políticos e partidos a retirar-se da política como uma das situações mais nocivas. "O Parlamento Europeu tem vindo a aumentar os seus poderes; mas ainda está longe do que poderia ser", afirmou. E ilustrou: "O facto de a iniciativa legislativa ser apenas da Comissão Europeia é uma entorse democrática brutal." "Para bem de todos, era bom que o centrão acabasse e houvesse experiências políticas alternativas", defendeu.

e salientou a inovação destas eleições com as principais famílias europeias a elegerem candidatos à sucessão de Durão Barroso: o luxemburguês Jean-Claude Juncker, candidato dos conservadores do PPE, o socialista alemão Martin Schulz, o liberal belga Guy Verhofstadt, a verde alemã Ska Keller e o grego Alexis Tsipras, da esquerda europeia. Uma mudança que "aperfeiçoa e aumenta a transparência do processo de decisão", afirmou.

Adriano Moreira alertou ainda para o facto de os EUA estarem a afastar-se da Europa defendendo que "ou a Europa consegue a sua unidade ou perde a voz no mundo". E para tal, considera, "deve estar representada no Conselho de Segurança das Nações Unidas" em vez da França e da Inglaterra. Para tal, "precisa de reforçar a sua unidade, capacidade e justiça social: não pode haver uma Europa rica e uma Europa pobre, não pode haver um Governo que ache legítimo pôr reformados contra ativos pela simples razão que uma comunidade se define pelos afetos – é isso que faz a identidade. E a Europa é e tem de ser uma comunidade de afetos".